

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES DA PRAI
Setor de Doc. e História Regional
CAMPINA GRANDE - PB.

UFPB / BIBLIOTECA / PRAI

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA (DSA)

A MULHER NA IMPRENSA CAMPINENSE

1901 - 1930

Por

Rosângela M^a de A. Medeiros Carvalho

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA - 1986.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA (DSA)

A MULHER NA IMPRENSA CAMPINENSE

1901 - 1930

Por

Rosângela M^a de A. Medeiros Carvalho

Monografia que apresenta à Banca Examinadora, composta pelos professores, JOSEMIR CAMILO DE MELO (Orientador), MARTA LÚCIA RIBEIRO e LEONÍLIA AMORIM. Indicado pela Comissão Coordenadora da Disciplina, Projeto e Colaboração de Monografia do Curso de Bacharelado em História, em atendimento às exigências de Conclusão de Curso.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA - 1986.

UFPb / BIBLIOTECA / PRAI



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I - IMPRENSA NO BRASIL - Uma Notícia Histórica	6
CAPÍTULO II - A MULHER NO DISCURSO DA IMPRENSA. (1901 - 1930)	19
CAPÍTULO III - O DISCURSO DA MULHER NA IMPRENSA. (1901 - 1930)	27
CONCLUSÃO	35
BIBLIOGRAFIA	36

INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo é a mulher na Imprensa campinense e se fundamenta na necessidade de analisar a atuação da mulher e o tratamento que lhe é dado pela imprensa.

Esta necessidade surgiu em decorrência da clara discriminação que se observa com relação à mulher tanto nas relações sociais em que está inserida, quanto à sua posição familiar, enquanto reprodutora e administradora do lar.

Tendo em vista que não há nada escrito sobre a atuação da mulher na sociedade campinense, no que se refere à imprensa, achamos por bem investigar se na História da imprensa local neste século ocorreu a manifestação do discurso feminino de forma efetiva.

Trata-se de um projeto conjunto com a companheira Maria Lucinete Fortunato, sob orientação do professor Josemir Camilo, que nos incentivou a abordarmos etapas diferentes. Tratando-se do mesmo tema, portanto, a diferença é apenas de ordem cronológica e metodológica. Escolhemos o período que vai de 1901 a 1930 com o objetivo de averiguar como a mulher aparece na imprensa direta e ou indiretamente no início do século, momento em que ela é privada da participação econômico-político e social, sendo relegada unicamente à função da procriação. Pretendemos analisar a parcela de contribuição prestada à sociedade pela mulher na imprensa campinense.

Nosso trabalho tem suas limitações, portanto preferimos enveredar através do tradicional método historiográfico, o qual nos proporcionou um melhor aproveitamento do material escasso, referente ao tema e ao período observado.

CAPÍTULO I

IMPrensa NO BRASIL - Uma Notícia Histórica

IMPrensa NO BRASIL

Segundo alguns historiadores, Recife teve a primeira impressora do Brasil, que durou de 1703 a 1706, tendo como proprietário um Jesuíta. Essa iniciativa pioneira foi suspensa, já o mesmo não acontece com o que se relaciona com a outra tentativa conhecida, a de 1746, no Rio de Janeiro. Antonio Isidoro da Fonseca ⁽¹⁾, antigo impressor em Lisboa, transferiu-se para a colônia, trazendo na bagagem o material tipográfico com que montou, no Rio, pequena oficina. Chegou a pô-la em atividade, pois imprimiu alguns trabalhos, entre os quais se destaca a "Relação da Entrada do Bispo Antonio do Desterro", redigida por Luís Antonio Rosado da Cunha, com de zessete páginas de texto. Moreira de Azevedo conta, nos seus "Apontamentos Históricos" que a metrópole agiu rapidamente para liquidar a oficina.

Com a chegada do Príncipe Regente D. João em 1808, o Brasil sofre uma verdadeira transformação econômica, político e social. Na realidade o Rio de Janeiro torna-se capital, para receber a corte, sofrendo uma verdadeira mudança na sua vida intelectual e material. Por outro lado percebe-se de ante-mão um certo desestímulo em relação a cultura livresca: é que o braço da censura se fazia sentir pesadamente sobre o comércio de livros. Com consequência disto surgiu uma indústria editorial em língua portuguesa em Londres e Paris, com o intuito de abastecer um comércio ilegal, estimulado pela abertura dos portos. Eram produzidos tantos livros

como periódicos, dos quais, o mais importante foi a publicação mensal "CORREIO BRASILIENSE"⁽²⁾ de Hipólito José da Costa, nascido no Brasil. Este periódico era considerado tão incômodo ao governo que ele tentou de todas as formas antes barrar sua publicação, o que não conseguiu, continuando o contrabando de livros.

A imprensa surgiria, finalmente, no Brasil e ainda desta vez, a definitiva, sob produção oficial, mais do que isso: por iniciativa oficial, Com o advento de D. João Antônio de Araújo, futuro conde da Barca, na confusão da fuga, mandara colocar no porão da Medusa o material gráfico que havia sido comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, de que era titular, e que não chegara a ser montado. Aportando ao Brasil, mandou instalá-lo nos baixos de sua casa, a rua dos Barbonos. Surge, portanto, a "Impressão Régia": sua administração caberia a uma junta composta de José Bernardes de Castro, Mariano José Pereira da Fonseca e José da Silva Lisboa. Nada se imprimia sem o exame prévio dos censores reais, frei Antonio de Arrábida, o padre João Manzoni, Carvalho e Melo, e o infalível José da Silva Lisboa.⁽³⁾

Dessa oficina, a 10 de setembro de 1808, saiu o primeiro número da "GAZETA DO RIO DE JANEIRO". Era um pobre papel impresso, preocupado quase que somente com o que se passava na Europa, de quatro páginas, poucas vezes mais, sendo semanal, de início, trimestral depois. Até 1822 a "Impressão Régia" teve o monopólio de imprimir no Rio. No mesmo ano em que foi abolida a censura foi também extinto o monopólio

lio da Impressão na capital pela imprensa do governo.

Até agora vimos nos referindo à tipografia como impressão Régia, mas, na verdade, este foi seu nome apenas até fevereiro de 1817, quando ela se tornou a "Real Officina Typographica, título que foi simplificado para Régia Typographia" no começo de 1821; um pouco mais tarde, no mesmo ano, é decretado uma substituição geral de "real por "Nacional" e assim ela se tornou Typographia Nacional"⁽⁴⁾.

Nessa época ela já tinha crescido, dispondo de sete prelos. Como esta expansão parece ter antecedido (embora de pouco) a supressão da censura, devemos presumir que o crescente volume de trabalho foi uma decorrência tanto do aumento dos impressos oficiais como de encomendas particulares e comerciais. Há inúmeras razões para acreditarmos que a atividade do governo crescia à medida que se acelerava o desenvolvimento do país e, especialmente a medida que a independência se aproximava, embora não tenhamos provas diretas disso. Dã-se o fim do monopólio que a typographia Nacional mantinha sobre as impressões feitas no Rio de Janeiro. De qualquer maneira foi permitida a instalação em 1821, da "Nova Officina typographica" de propriedade privada, seguindo logo depois pela Typographia de Moreira e Garcez".

É sabido que nas vésperas da independência já existiam no Rio de Janeiro cerca de sete estabelecimentos tipográficos. Officina de Silva Porto e Cia, Officina dos Anais Fluminenses, Typographia Astréia, Torres e Costa, substituída no ano seguinte pela Typographia de Innocêncio Francis-

co Torres e Companhia⁽⁵⁾.

Toda esta crescente atividade é testemunho do súbito aumento de leitura provocado pelo furioso interesse por política que acompanhou as lutas pela independência do Brasil.

Quando ocorreu o movimento constitucionalista, circulavam no Brasil apenas a insípida "GAZETA DO RIO DE JANEIRO", redigida por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, a "IDADE DE OURO DO BRASIL" redigida por Diogo Soares da Silva de Bivar e padre Inácio José de Macêdo: fazendo coro com o "SEMANÁRIO CÍVICO", a "MINERVA BRASILIENSE", o "Jornal de Anúncios", o "AMIGO DO REI E DA NAÇÃO", "O BEM DA ORDEM" e "O CONCILIADOR DO REINO UNIDO". Todos periódicos típicos da Imprensa Áulica⁽⁶⁾.

O primeiro periódico que defendeu os interesses brasileiros, quebrando a monotomia da Imprensa Áulica, começou a circular na Bahia a 4 de agosto de 1821. Foi o "DIÁRIO CONSTITUCIONAL". Contra ele tudo fez a prepotência dominante. Não satisfeita em combatê-lo pelos seus órgãos Áulicos tradicionais, fomentou-se o aparecimento de numerosos periódicos de vida constitucional: "A SENTINELA BAIENSE", "O ANALISADOR CONSTITUCIONAL", "O BALUARTE CONSTITUCIONAL", "O ESPREITADOR CONSTITUCIONAL", "CONSTITUCIONAL", "DESPERTADOR DOS VERDADEIROS CONSTITUCIONAIS", "A ABELHA". Em agosto de 1822, a prepotência suprimiu violentamente o órgão nativista por assalto militar⁽⁷⁾.

A 15 de setembro de 1821, começava a circular no Rio de Janeiro, O "REVÉBERO CONSTITUCIONAL FLUMINENSE" que se tornaria o órgão doutrinário da independência. "O ESPELHO" surge em 19 de outubro de 1821, órgão Áulico com pretensões à neutralidade e imparcialidade. "O ALFAIATE CONSTITUCIONAL" surge em 12 de outubro de 1821, circulando apenas quatro números. "O CONCILIADOR DO MARANHÃO" surge a 15 de abril de 1821, circulou até 23 de julho de 1823, órgão de orientação áulica. "O CONCILIADOR" foi substituído pela "GAZETA EXTRAORDINÁRIA DO GOVERNO PROVISÓRIO" distribuída gratuitamente até 1824. A 8 de dezembro de 1821 surge o periódico denominado "SEGARREGA" dirigido por um português de tendência liberal; cinco dias após seu aparecimento, surge ainda no Recife a 13 de dezembro de 1821 "O RELATOR VERDADEIRO" dirigido por um padre absolutista, integrando-se assim na imprensa áulica (8).

A 8 de dezembro de 1821 aparecia o primeiro número da publicação de Silva Lisboa "SABATINA FAMILIAR DOS AMIGOS DO BEM COMUM", circulando apenas cinco exemplares. "O DESPERTADOR BRASILIENSE" aparece em dezembro de 1821 circulando apenas um número, aconselhando e contribuindo para o "Fico". O papel da imprensa, nesse período foi considerado como letra doutrinária de preparação à independência. Poucos periódicos esposaram a causa da separação da colônia (9)

Pouco antes de retirar-se do Brasil o governo Joaquin a 2 de março de 1821, determinava numa das derradeiras leis firmadas aqui por D. João, que toda imprensa tinha que

ser controlada pelos censores régios. O temor das autoridades coloniais era tanto que fez, a Junta Governativa Provisional do Pará criar, a 3 de janeiro de 1822, a Junta Censora. Entretanto era impossível detê-la. Vitor Viana caracterizou bem o periodismo dessa fase conturbada: "A imprensa era então panfletária e atrevida". Nos períodos de tolerância ou de liberdade atingiu a grandes violências de linguagem e as polêmicas refletindo o ardor apaixonado das facções em divergência, chegavam a excessos, a ataques pessoais, a insinuações maldosas (10)

Desse ambiente agitado surge um tipo de imprensa "O PASQUIM", como uma espécie de esforço das províncias por ter imprensa e com liberdade.

Na verdade, a imprensa brasileira cresceu depois da independência. Antes só dois jornais circularam: Um , oficial, "A GAZETA DO RIO DE JANEIRO", outro impresso em Londres, o "CORREIO BRASILIENSE" (1815). Mas em torno da constituição de 1821 e da independência, surgiram cerca de 23 periódicos. De 1823 até meados da década de 1850 cerca de 79 jornais proliferaram. Só em São Paulo de 1829 a 1854 apareceram 64 periódicos todos de vida efêmera. No Rio Grande do Sul a imprensa é inaugurada também em 1827. (11)

Surge um outro período na vida política do país , o Império. O poder consolidava-se no latifúndio, para fortalecer esta estrutura nova que surge e se fortalece a imprensa deve estar em seu poder. É nessas condições que surge

"O BRASIL" redigido por Justiniano José da Rocha, circulou até 1852. Justiniano esteve ainda em alguns jornais de vida efêmera: "O NOVO BRASIL", o "CORRÊIO DO BRASIL", "O CONSTITUCIONAL", "O REGENERADOR". É característico nesse período a separação entre imprensa política e imprensa literária. Quando a primeira declina com a consolidação do predomínio do latifúndio, começam a fundir-se. É o que ocorre com a "MINERVA BRASILIENSE" entre 1843 e 1845, a "GUANABARA" de 1851 a 1855. Outras foram menos importantes. Esta é a denominada imprensa do Romantismo; ocorre um declínio no jornalismo político. Era realmente a época dos nomes de letras fazendo a imprensa, Manuel Antônio de Almeida, José de Almeida, Gonçalves Dias, os periódicos literários proliferavam. Seria praticamente impossível arrolar os periódicos que constituíram a imprensa literária da época. (12)

Os anos sessenta anunciam mudanças, é o período dos jornais de caricatura. Nessa época surgiram dez jornais de importância e uma gama de revistas ilustradas. O jornal que mais se destacou nesse período foi "A REFORMA" com tendência liberal. (13)

A década de 70, é caracterizada pela grande quantidade de periódicos republicanos. De 1870 a 1872 surgiram no país mais de vinte periódicos republicanos. Até o final da década mais vinte periódicos e uma infinidade de revistas ilustradas. A que mais se destacou foi a "REVISTA ILUSTRADA", de tendência abolicionista. (14)

A década de 80, foi um período de agitação e de mudança é quando ocorre a Proclamação da República. O influxo dos acontecimento multiplica os órgãos de imprensa. A imprensa republicana conta com setenta e quatro jornais. Enquanto que os grandes jornais da corte são ainda a "GAZETA DE NOTÍCIAS" e "O PAÍS". Aparece ainda nesse período uma gama de revistas literárias. (15)

A mudança do século trouxe consigo transformações, a imprensa torna-se empresa, indústria. A partir de então um periódico será empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas. Os pequenos jornais desaparecem e montar um torna-se tarefa difícil; é necessário elevado capital. Nas três primeiras décadas do século XX, surgiram em nosso país trinta jornais de tendência burguesa e cinquenta e quatro de tendência proletária. (16)

IMPrensa NA PARAÍBA

O primeiro periódico paraibano denominou-se "GAZETA DO GOVERNO DA PARAÍBA DO NORTE" fundado a 16 de fevereiro de 1826 e impresso na Typographia Nacional da Parahyba, administrada pelo súbito inglês Waller S. Boardman. Saía aos sábados e custava 80 reis o exemplar. A "GAZETA DO GOVERNO DA PARAÍBA DO NORTE" foi fundado pelo então presidente da Província, na época, o coronel Alexandre Francisco de Seixas Machado, transformando-o no porta voz de sua administração. (17)

O segundo jornal fundado na Paraíba foi também a primeira publicação de Antonio Borges da Fonseca "GAZETA PARAIBANA" que circulou entre os períodos de 1828 a 1829. Jornal republicano, cuja efemeridade é atribuída ao alto grau de combatividade de seu fundador. Borges da Fonseca foi o primeiro jornalista paraibano perseguido pela imprensa. (18)

Até a década de 1850 existiram na Paraíba cerca de 16 jornais, quase todos sob orientação partidária; portanto as opiniões dividiam-se entre, atacar e defender o governo. De 1851 a 1860 surgiram na Paraíba cerca de seis jornais, a maioria eram órgãos político, noticioso e apresentando orientação dos partidos conservador e Liberal. Eram todos hebdomanários de vida efêmera. Já a década de 60 perde esta característica; os jornais agora tem vida mais longa. Nesta década circularam pela Paraíba cer-

ca de 21 jornais. Destacando-se "O PUBLICADOR", pelo seu relativo largo período de vida, 1862 a 1866 como também por ter sido o primeiro jornal de circulação diária da Paraíba (19)

Na década de 1870 surgiram na Paraíba cerca de 14 jornais. Dois parecem ter tido significativa repercussão "O BOSSUET DA JOCOCA" fundado em 1875 e "O LIBERAL PARAHYBANO" de 1879. A década de 1880 conheceu cerca de 24 jornais, a maioria com direcionamentos políticos. Qualquer jornal que aspirasse a uma circulação regular, devia girar em torno do partidarismo político. Destaca-se "GAZZETA DA PARAHYBA", 1888, jornal diário que a história registra como um dos mais importantes e bem escritos. (20)

Em 1890 surgiram 28 jornais na Paraíba. Destaca-se dentre estes "A IMPRENSA" jornal cultural fundado por um bispo de idéias avançadas, Dom Aauto Aurélio de Miranda Henriques. Este jornal é um convite à desalienação, incomodando portanto ao governo, a ponto de ser empastelado pelo interventor da Paraíba, na época, Rui Carneiro. Após a redemocratização do país, em 46 a "IMPRENSA" volta a funcionar, para morrer definitivamente em 1968. Outro jornal que se destaca não pela contribuição prestada à comunidade, e sim, pelo seu longo período de duração é "A UNIÃO" jornal do governo, existente até nossos dias. (21)

As três primeiras décadas do século XX, conheceram, cerca de 44 jornais. Destacando-se o "DIÁRIO DO ESTADO", órgão do partido republicano, fundado em 1915 e "A UNIÃO" jor-

nal do governo já citado. O "O NORTE" nasceu independente em 1908, tornando-se com o passar dos anos dependentes da ideologia dominante.

Quanto ao interior paraibano a imprensa só veio a surgir na década de 1860, precisamente em Mamanguape, circularam neste período cerca de 3 jornais, enquanto que em nenhuma outra cidade apareceu o prenúncio de imprensa. Na década posterior, 1870, Areia lança timidamente seu primeiro jornal. (22)

A imprensa só atinge Campina Grande a partir de 1888 ; a "GAZETA DO SERTÃO" periódico republicano fundado por Ireneo Joffily e Francisco Retumba.

Apareceu tarde o jornal de Ireneo Joffily para inscrever-se no movimento abolicionista. Tivesse surgido antes, decerto haveria boa parte da opinião campinense formado ao lado dos pregadores da causa redentora. Se não conseguissem os êxitos que glorificaram Areia, à falta de apóstolos como Manoel e Coelho Lisboa, ter-se-ia igualado a Mamanguape onde Franklin Dantas e Castro Pinto, já no final levantaram a bandeira da liberdade. (23)

De 1888 até 1930 circularam no interior paraibano : Campina Grande 28 periódicos ; Mamanguape e Areia 24 periódicos, citando as cidades maiores. Portanto 52 periódicos ao todo. Segundo Epitácio Soares a imprensa não se fez forte neste período devido à inexistência de um grande comércio e

indústria "em que o órgão de Imprensa se apoiasse na publicidade para poder se manter. (24)

É perceptível a importância da estrada de ferro para o apogeu da imprensa campinense. " A ligação Campina - Recife fazia efeitos. O trem trazia o jornal para ficar. A prova é que na década antes do trem (1898-1907) só surgira um jornal e na imediatamente posterior, nada menos de 11 jornais. Por outro lado é questionável a lacuna existente entre o período de 1923 a 1928 sem o aparecimento de jornais, precisamente cinco anos.

N O T A S

- (1) Antônio Isidoro da Fonseca era impressor conceituado, em Lisboa, segundo Carlos Rizzini, (O Livro, O Jornal e a Tipografia no Brasil - Rio, 1945, pag. 312). Apud Nelson Werneck Sodrê, História da Imprensa no Brasil pag 20
- (2) Laurence Hallewell. O Livro no Brasil pag. 34.
- (3) Nelson Werneck Sodrê op. cit. pag. 22
- (4) Laurence Hallewell op. cit. pag. 44.
- (5) Idem, pag. 45.
- (6) Nelson Werneck Sodrê op. cit. pag. 57
- (7) Idem, pag. 59.
- (8) Idem, pag. 52.
- (9) Idem, pag. 97.
- (10) Idem, Ibidem.
- (11) Idem pag. 101.
- (12) Idem, pag. 209.
- (13) Idem, pag. 231.
- (14) Idem pag. 244.
- (15) Idem pag. 263.
- (16) Idem, pag. 315.
- (17) Fátima Araújo, Paraíba: Imprensa e Vida, pag. 31.

- (18) Idem pag. 34.
- (19) História e Ideologia da Imprensa Paraibana, pag. 72.
- (20) Idem, pag. 73.
- (21) José Joffily, Entre a Monarquia e a República, pag.101.
- (22) Elpídio de Almeida, História de Campina Grande pag. 216.
- (23) Eptácio Soares, História da Imprensa Campinense, Diário da Borborema, Ano I, Nº I, 5º caderno. pags. 3.
- (24) Josemir Camilo, História da Imprensa. Jornal da Paraíba. 14/11/85 pg. 2.

CAPÍTULO II

A MULHER NO DISCURSO DA IMPRENSA

(1901 - 1930)

A MULHER NO DISCURSO DA IMPRENSA

Nas décadas de 1901 a 1930, período abordado em nossa pesquisa, o discurso da Imprensa em relação à mulher condiz com a sociedade atrasada, machista e conservadora na qual encontra-se inserida. A mulher neste período era vista como um ser frágil, doce e dependente, que não se aventurava a sair de casa e competir lado a lado com o homem no campo profissional. Aliás esta condição lhe era negada. A mulher era educada para ser esposa e mãe e no que concerne ao fato de exercer uma profissão, lhe foi criada uma extensão de tarefas domésticas, que foi a de lecionar. A sociedade a via assim, portanto era dessa forma que a imprensa a retratava.

A imprensa campinense neste período tinha caráter noticioso, político e literário, sendo este último campo, marcado, por um romantismo excessivo. Todos os jornais campinenses tinham uma coluna literária, a qual, era preenchida por versinhos de amor, onde o homem enaltecia a mulher física e espiritualmente.

TRIOLET

"Meu coração, minha penna
 Deponho, Muza, aos teus pés.
 São teus, Ó Deusa serena,
 Meu coração, minha penna.
 A tua beleza hellena
 Escravizou-me a altivez.
 Meu coração, minha penna
 Deponho, Muza, a teus pés. (25)

Neste período a imprensa servia de meio de comunicação entre os jovens apaixonados. Convém salientar que, representantes da classe dominante, a burguesia, eram os privilegiados que tinham acesso a denominada "cultura", isto fica transparente no esmero literário dos poemas.

DOR INTIMA

"Partir é transpor os horizontes da saudade!"

Ví perto o paraíso immaculado
 Quando junto de ti, feliz te olhando,
 Longos dias passava, descuidado
 Mil palavras de amor te segregando

Porém o destino infortunado
 O destino fatal e miserando,
 Levou-te para longe, Ô anjo amado,
 Dolorosas saudades me deixando.

Partiste! ... E partiram, os meus sonhos...
 Minha esperança também partiu contigo,
 Flutuando no mar dos teus olhares.

Partiste! ... E partiram as minhas crenças,
 Mas... à sorte, querida não maldigo
 Pois, bem sei, só em mim é que tu pensas.

José Peixoto (26)

O discurso do homem sobre a mulher na imprensa campinense durante todo o período que transcorre de 1901 a 1930, é de um romantismo exacerbado, de um elevado grau de alienação política. A mulher era vista totalmente como um ser angelical, frágil, inferior, que deveria ser protegida e amparada pelo homem. É compreensível este fato, afinal a mulher, devido às condições que a sociedade impunha, não tinha como dar um grito de liberdade, portanto, acomodava-se. E isto era visto pelo homem como característica genética dela, algo inerente. Portanto, é admirável a existência de alguns artigos escritos neste período, onde a mulher aparece, se não digo, ser político e social, pelo menos como alguém capaz. É o caso de um artigo intitulado "A Mulher" de autoria de José Peixoto o qual diz ser a mulher igual ao homem, pois os estudos provam, terem ambos os mesmos fenômenos espirituais e faculdades⁽²⁷⁾. Outro artigo interessante, a ponto de causar admiração, é uma crônica invocando D. Clara a colocar-se à frente das conferências literárias campinenses, assinalado por "Z" (28)

Convém salientar que o caráter do discurso alienante, sem conotação político-ideológica sobre a mulher, escrito pelo homem, não muda de tom devido estes artigos, primeiramente, porque, dentre uma infinidade, apenas, estes dois, fogem à regra, chegando portanto a surpreender, jamais a confundir. Como já foi dito, o discurso do homem na imprensa campinense sobre a mulher é de cunho caracteristicamente alienante, por outro lado, de acordo com a nossa pesquisa empírica, são estes dois homens, José Peixoto e o que assume pseudônimo "Z" os mais esclarecidos colaboradores da época. Entretanto-

to, continuamos afirmando que a retratação da mulher continua firmada nos mesmos termos durante todo o período de 1901 a 1930. Detectamos um certo avanço a partir dos anos 20, que mais adiante analisaremos. Porém, o discurso se mantém nos moldes arcaicos da imprensa matuta. Tal é o conto sobre "a doce, terna e meiga criatura Estella", de fundo moral religioso, em que o Autor, Gilberto Leite narra seu desaparecimento da casa de seus pais, sô reaparecendo no altar. Tinha virado santa. (29)

Outro campo abordado pelos homens, além do enaltecimento físico e espiritual da mulher, era a ironia. Registramos alguns destes artigos, e escritos no mesmo período que os demais. Uma crônica, assinada por "Z" noticia de forma irônica, aliás, debochada, um congresso de mulheres realizado em Petersburgo, Rússia, em que as mulheres defendiam a tese do casamento por experiência. (30)

Irônico e debochado é também o artigo "A MULHER E O ESPELHO", em que o Autor narra as experiências de um alemão, como filho, irmão, pai, primo e tio, que chega à conclusão que a mulher gasta diante do espelho, precisamente, dos sete aos setenta anos, cerca de 349.575 minutos ou 5.826 horas, enfim mais de 312 dias ou cinco meses, incluindo as noites. O alemão ainda afirma que o tempo gasto pelas mulheres diante do espelho, aumenta gradativamente até os trinta anos e daí por diante, diminui. (31)

A partir de artigos deste gênero registramos, o quanto o homem considera a mulher incapaz, inútil e fútil; a ponto de passar a maior parte de sua vida diante do espelho. Estes artigos mostram uma prática constante na vida das mulheres, sabemos que na realidade elas não iam a luta, atuando lado a lado com o homem, suas vidas de fato ficavam registradas ao lar, as tarefas domésticas e a esfera de um casamento, escolhido pelos pais, no qual iria atuar de forma submissa, pois era considerada ser inferior, é sabido que a sua condição de mulher a relegava unicamente a procriação. Este é um fato comprovado dentro do lar e fora dele. Pois como já foi enfatizado inicialmente, em relação, a mulher exercer uma profissão, lhe foi concedida uma de extensão das tarefas domésticas, a de lecionar, isto é; educar crianças. Por outro lado, sabemos que as instruções eram dadas pelos homens. Estes, eram os detentores do poder, portanto, moldavam a sociedade a fim de lhes favorecer. Ditavam então, a forma que a criança deveria ser educada: criança masculina, forte e superior; criança feminina, frágil e submissa. Estes artigos mostram uma realidade concreta, a mulher incapaz. Contudo não questionam por que tal situação; o homem, apenas a vive, a vê e a descreve de forma natural achando que sempre foi assim e continuará sendo eternamente. É cristalino, através destes artigos, o não exergar do homem, sobre o potencial da mulher, ele realmente a considera incapaz, diferente dele, inferior geneticamente primeiro artigo (do discurso irônico) esta questão nos aparece claríssima. O autor descreve de uma forma tão debochada que deixa transparecer claramente nas entreli -

nhas do seu artigo, a impossibilidade de tal acontecimento, algum dia vir a realizar; ele considera completamente improvável a possibilidade de algum dia as mulheres se reunirem com o propósito de questionarem a possibilidade de consumarem mais de um casamento. Este discurso que retrata a mulher como nulidade político - econômico e social prevalece durante todo o período de nossa pesquisa que se estende de 1901 a 1930, a mulher é considerada pelo homem como ser inferior. Como já foi enfocado anteriormente no nosso trabalho, a partir da década de 20 quando a mulher começa a despontar na sociedade reivindicando os seus direitos, o discurso a seu respeito não muda de tom, continua o mesmo.

O anti-feminismo transparece no artigo de autoria de P. de Andrade em que ele diz estar decepcionado diante do movimento feminista que assola o mundo. Que a mulher apesar de suas reivindicações (uma senadora pronuncia-se no Parlamento Inglês) não nasceu para a política por razões da excessiva bondade do seu coração, tornando-se fácil ser ludibriada, convencida. A mulher segundo o autor nasceu para tomar conta do lar. Mostra-se indignado por saber que o congresso brasileiro está na disposição de seguir o exemplo. (32)

Ainda exemplo de consciência da mulher como frágil é a crônica dedicada a "Uma Grande Poetiza Francisca Júlia da Silva, pelo seu falecimento, de autoria de Mauro Luna. A poeta é paulista e segundo Luna soube sobressair-se das demais, deixando de lado a condição característica das mulheres e poetisas, que é o romantismo, o pieguismo, natural das

mulheres pela fraqueza do seu espírito.

Também conservadora era a opinião sobre o direito do voto à mulher, como no artigo "O Voto Feminino", em que alguns homens são interrogados a respeito. A maioria é contra, alguns poucos, são a favor. O artigo diz que o assunto causou "barafunda" no Senado Nacional. (33)

Estes artigos nos mostram uma tentativa por parte dos homens de preservação do patriarcalismo. Eles se negam a aceitar a luta da mulher pela sua emancipação. Deparam-se com a nova realidade que está brotando e ficam incrédulos, simplesmente não aceitam que a mulher seja capaz de agir de igual para igual, competindo com ele no campo profissional, pois a mesma é considerada inferior e estes remanescentes culturais vão perdurar durante muito tempo.

N O T A S

- (25) O Campina Grande, Ano II, Nº 33, 6 de junho de 1909
pag. 2.
- (26) Idem, Nº 22, 21 de março de 1909, pag. 1
- (27) Idem nº 31, 23 de maio de 1909, pag. 2.
- (28) Idem, Nº 20, 7 de março de 1909, pag. 2
- (29) Idem, Nº 35, 20 de junho de 1909, pag. 2.
- (30) Idem, Nº 22, 21 de março de 1909, pags. 2 e 3.
- (31) Idem, Nº 38, 18 de junho de 1909, pag. 2.
- (32) A Razão, Ano III, Nº 47, 13 de dezembro de 1919 pag. 2.
- (33) Idem Ano IV, Nº 37, 27 de novembro de 1920, pags. 1 e 2-
Idem, Nº 49, 11 de dezembro de 1920, pag. 2.

CAPÍTULO III

O DISCURSO DA MULHER NA IMPRENSA

(1901 - 1930)

O DISCURSO DA MULHER NA IMPRENSA (1901 - 1930)

No período que transcorre de 1901 a 1930, a participação da Mulher na Imprensa Campinense não aparece como grande contribuição prestada à sociedade. No que concerne a nossa pesquisa bibliográfica e documental, percebemos que a mulher vai se inserindo neste meio timidamente, afinal a sociedade a qual pertence, lhe põe praticamente todas as oportunidades. A maior parcela de contribuição neste período encontra-se em poder dos homens, pois numa sociedade patriarcal e conservadora, a mulher é relegada a segundo plano.

Como já foi enfatizado anteriormente o caráter da Imprensa campinense neste período era de cunho noticioso, político e literário, sendo permitido a mulher, no sentido de dar sua parcela de contribuição, agir unicamente no campo literário. Nos demais ficava isenta, já que não participava da política, portanto não tinha de que forma ser enfocada como notícia.

No que se refere à participação da mulher nas impressas campinenses no período que vai de 1901 a 1930, vemos que sua contribuição ocorre de acordo com a realidade concreta na qual está inserida. A mulher é educada para tornar-se esposa e mãe e quanto ao fato de exercer uma profissão, lhe foi permitido lecionar, o que é uma profissão de extensão das tarefas domésticas, refletindo-se tal caracte-

rística na imprensa.

A primeira escola fundada em Campina Grande para sexo feminino surgiu em 1857 permanecendo única durante o resto da Monarquia e primeiros anos da República. A situação em 1919 era quase a mesma que a de 1857, apenas três professores primários na sede, para ambos os sexos.

As condições de ensino eram precárias e por outro lado a mulher não tinha o direito de se locomover, para aperfeiçoar seus estudos em outra região, este era um privilégio dos homens. Devido tal realidade é que em três décadas seguidas, apenas oito mulheres se destacaram na sociedade campinense, por sinal todas professoras⁽¹⁾. Portanto se a educação feminina era limitada, sua participação no campo da Imprensa era restrita.

A mulher quando participante na imprensa campinense nas décadas de 1901 a 1930, não reage à situação machista que a relega a segundo plano em relação ao homem. Sua participação resume-se a consolidar e perpetuar o mito da fragilidade, doçura e meiguice a seu respeito, como percebemos na crônica intitulada. "As três Phases da Mulher" (filha, esposa e mãe) da autora Santina Pessôa Cavalcante, bem como nas palavras de Elvira Peixoto:

"Há ocasiões em que a mulher transforma-se em Santa, quando é mãe"... Ou ainda nas de Anid Otnip: "A lágrima da mulher é o symbolo da ternura estrangulado pelo sofrimento".⁽²⁾

Através deste discurso percebemos que, na realidade, a mulher não reage à condição em que se encontra, por imposição do homem. A mulher através de sua participação na imprensa, neste período, contribui para que a situação permaneça como está: Mulher, criatura meiga e doce com o único objetivo da procriação, homem forte e poderoso, com o objetivo de reger a sociedade.

Na realidade o que percebemos, é que, apesar da presença da mulher na imprensa campinense, o seu discurso não oferece, nenhuma contribuição em relação a questionamentos da condição feminina, de modo a transformar a sociedade vigente que a discrimina. É o que nos mostra este poema de Tranquilina Cavalcante, dedicado a Virginia P. Lima:

"Amor é um sonho ditoso
 Uma ilusão
 Que inebria em pleno goso
 Um coração.
 Dura o tempo de uma rosa
 Pura e gentil.
 Nascida em manhã formosa
 Meiga de abril"⁽³⁾

Tranquilina Cavalcante aparece como a primeira colaboradora na imprensa campinense. Atuando no jornal "O Campina Grande" (convém salientar a existência no corpo redacional de um senhor de nome J. Cavalcante. Seriam parentes? Na

realidade a contribuição prestada por Tranquilina Cavalcante como pioneira é insignificante. O seu discurso aparece de forma totalmente alienado. Aliás este é o característico discurso das mulheres na imprensa campinense durante todo o período que transcorre a nossa pesquisa, 1901 a 1930.

A mulher, no fundo, reproduz o discurso do homem, escrevendo justamente aquilo que ele quer que seja escrito, sem se mostrar como categoria discriminada, sem ao menos questionar as restrições que enfrenta na própria imprensa, por exemplo: a limitação de somente poder atuar em um único setor. No que se refere a problemática do dia a dia o seu discurso é o mesmo, alienado. Vêem-se através de seus escritos, versinhos dedicados às amigas, por sinal da mesma classe, a burguesia, enaltecendo o amor e a capacidade de amar das mulheres, como neste versos de Cordélia Sylvia a "distinta" Nazinha Barbosa:

" O coração não pode viver propriamente sem amar.
Assim como o corpo necessita
Alimentar-se, o coração só pode
nutrir-se do amor! ... (4)

A mulher não utiliza o seu espaço na imprensa, para tornar pública a contradição da sociedade vigente. Anula-se diante das barreiras existentes, através de seu discurso de cunho alienante.

No entanto, apesar de ser raridade, é possível se constatar a presença de um ou outro artigo, que venha fugir

ã regra, como no caso do artigo intitulado "A Caridade" de Maria Alice, em 1909, analisando os horrores da seca e incentivando a população privilegiada a praticar o ato da caridade. (5)

É transparente o elevado grau de despolitização da mulher neste período. Ao analisar os horrores da seca, o faz, como fenômeno isolado e tenta buscar soluções através de medidas paliativas de cunho religioso, sem no entanto analisar a real causa da miséria.

Artigo interessante a ponto de merecer enfoque é uma carta escrita por Analice Caldas em 1924, endereçada ao diretor da Gazeta do Sertão, com o objetivo de adquirir a assinatura do jornal como também a coleção dos números anteriores para um certo Dr. Diógenes.

A carta não deixa transparecer quem realmente é o "Dr. Diógenes" se marido da respectiva Analice ou alguém com quem esta trabalhe. No fundo este artigo vem provar uma certa participação da mulher conjuntamente com o homem, ensaiando a partir de então os primeiros passos da divisão do trabalho. (6)

No transcorrer do período de nossa pesquisa (1901-1930) o discurso da mulher não muda de tom, abordando sempre as mesmas questões de cunho sentimentais. Sabemos que as mudanças, ocorrem muito lentamente, portanto é compreensível a persistência deste discurso durante o período do abordado em nossa pesquisa. Por outro lado, não podemos negar,

a luta da mulher em busca de ocupar um lugar de destaque na sociedade, só que esta luta ocorre inicialmente de forma inconsciente. A mulher neste período não tem consciência do seu potencial. A análise de seu discurso atinge o mesmo grau de intelectualidade do homem; os seus poemas têm o mesmo esmero literário, é o que nos mostra o poema de Margarida Lemaire intitulado:

DEVANEIO

"Quantas vezes, fitando aquele lago
 onde alvos cysnes banhavam-se em meio,
 Horas passei em louco devaneio,
 Sentindo da ilusão o doce affago...
 Como era grato ouvir d'aquela seio
 À trem'la corrente em harpejo mago
 Os echos d'um cantar melliflúo, vago
 Que eu escutava em delirante enleio! ...

Agora, estendo a vista n'um desejo,
 Não ouço aquele manso romorejo,
 Não vejo mais os cysnes tão queridos!

É que o lago secara. E da beleza
 Resta apenas um leito de tristeza
 E da saudade os musgos reffloridos..."(7)

Se a mulher não utiliza o espaço que ocupa na Imprensa questionando as contradições da sociedade vigente, é devido as remanescências de todo um passado marcado pela sociedade patriarcal, que a anula econômico-político e social,

resquícios que não findam num espaço curto de tempo, crônimo
trado em três décadas.

N O T A S

- (1) Elpídio de Almeida, História de Campina Grande, pags.310, 315, 316; Epaminondas Câmara. Datas Campinenses, pgs.149 , 151 e 154.
- (2) O Campina Grande, Ano II, Nº 32, 30 de maio de 1909, pag.3.
- (3) O Campina Grande, Ano II, Nº 16, 7 de fevereiro de 1909 , pag. 4.
- (4) O Campina Grande, Ano II, Nº 33, 6 de junho de 1909, pag.3.
- (5) O Campina Grande, Ano II, Nº 40, 8 de agosto de 1909, pag.
- (6) Gazeta do Sertão, Ano XXX, Nº 11, 16 de fevereiro de 1924, pags 1 e 2.
- (7) O Campina Grande, Ano II, Nº 27, 25 de abril de 1909, pg.1.

CONCLUSÃO

Apesar da Imprensa ter-se estabelecido na Paraíba nos primórdios do século, a Campina Grande, chega tardiamente, final do século, quando já circulavam periódicos em Areia, Mamanguape etc. A Imprensa em Campina Grande só veio a desenvolver-se de fato com o aparecimento do trem, fazendo a ligação Campina-Recife, melhorando dessa forma os meios de comunicação.

No que se refere à evolução percebemos que trilha os mesmos caminhos que as demais cidades da província, jornais de pequeno porte, geralmente de vida efêmera, com tendência inicialmente literária, logo mais partidária, limitando-se a atacar e defender o governo.

No período que transcorre o nosso trabalho 1901-1930, a mulher era considerada geneticamente inferior ao homem sua condição limitava-se unicamente ao ato da procriação, quando muito lhe era permitido o direito de lecionar, profissão de extensão das tarefas domésticas. A mulher era marginalizada do processo produtivo, tornando-se peso morto para a sociedade. A sociedade a via, assim portanto era dessa forma que a imprensa a retratava. A mulher aparece durante todo o período que transcorre a nossa pesquisa, como ser inferior, sem capacidade para atuar lado a lado com homem no campo profissional.

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Elpídio, História de Campina Grande - Pb. Editora Universitária, UFPb, João Pessoa, 1979.
2. ARAÚJO, Fátima. História e Ideologia da Imprensa na Paraíba. João Pessoa, 1983.
3. _____ . Paraíba Imprensa e Vida. João Pessoa-Pb.
4. CÂMARA, Epaminondas. Datas Campinenses. Departamento de publicidade, João Pessoa - Pb. 1947.
5. COLETANEAS DE AUTORES CAMPINENSES - Comissão Cultural do Centenário. Prefeitura Municipal de Campina Grande. Paraíba, 1964.
6. HALLEWELL, Lawrence. O livro no Brasil. Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
7. JOFFILY, José. Entre a Monarquia e a República. Idéias e lutas de Ireneu Jöffily, Livraria Kosmos, Editora, Rio de Janeiro, 1982.
8. MARTINS, Eduardo. A Tipografia do Beco da Misericórdia. Apontamentos Históricos. Governo do Estado da Paraíba. Secretaria de Educação e Cultura - 1978.
9. RIBEIRO, Hortêncio. Vultos e Fatos, João Pessoa, 1979.

10. SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A mulher na sociedade de classes: Mito e Realidade. Editora Vozes 2ª edição.
11. _____ . Do Artesanal ao Industrial: A Exploração da Mulher. Ed. Hucitec. São Paulo, 1981.
12. SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil , 2ª edição. Editora Graal, Rio de Janeiro, 1971.

ARTIGOS

1. CAMILO, Josemir. História da Imprensa. Jornal da Paraíba Campina Grande, 14/11/86 pag. 2.
2. _____ . A Mulher na Imprensa. Jornal da Paraíba Campina Grande, 28/11/86 pag. 2.
3. SOARES, Epitácio, História da Imprensa Campinense. Diário da Borborema, Ano I, Nº 1, 5º caderno, pag.3.